

A Prisão de Calouste Gulbenkian

José Calvet de Magalhães

Numa noite de Dezembro de 1942, em Lisboa, o ilustre Calouste Sarkis Gulbenkian foi obrigado a trocar os seus confortáveis aposentos do Hotel Aviz pelas instalações da polícia.

Quando as forças militares alemãs invadiram a França no Verão de 1940, o marechal Henri Pétain, herói da Primeira Guerra Mundial, substituiu Paul Reynaud como chefe do governo francês, em 16 de Junho, e aceitou um armistício com a Alemanha pelo qual as forças alemãs ocupariam só uma parte do Norte da França, incluindo Paris, e o novo governo francês instalar-se-ia em Vichy, controlando apenas a parte sul do país.

O corpo diplomático dos países neutros que reconheceram o governo de Vichy teve que abandonar Paris e instalar-se naquela famosa estação termal, situada no departamento de Allier, no centro da França, onde foi posto à sua disposição um hotel, que albergou esse reduzido corpo diplomático na sua totalidade. O grande potentado do mundo petrolífero Calouste Sarkis Gulbenkian possuía o estatuto diplomático pois estava acreditado como conselheiro da missão diplomática do Iraque ou do Irão. Dada a sua qualidade diplomática deixou Paris, onde habitualmente residia, e instalou-se em Vichy junto dos restantes diplomatas que representavam os países que reconheciam o regime de Pétain, entre os quais se contava Portugal.

A presença dos diplomatas no mesmo hotel levou, naturalmente, a que se estabelecesse entre eles uma enorme convivência e foi assim que o secretário da ligação portuguesa, Manuel Nunes da Silva, criou uma certa intimidade com o famoso milionário. Ele não se sentia muito tranquilo em Vichy, sobretudo quando se tornou manifesto que os alemães procuravam estender as suas operações militares na direcção das regiões petrolíferas do Próximo Oriente. A sua proeminente posição na indústria do petróleo tornava-o um potencial e precioso penhor se caísse sob o domínio alemão.

Nunes da Silva insistia com ele para vir para Portugal mas ele hesitava por se tratar de um país que totalmente desconhecia. Finalmente o diplomata português, ajudado por sua mulher, conseguiu convencê-lo a vir, simplesmente de passeio, até Lisboa, para conhecer o nosso país. Os dois casais, Gulbenkian e Nunes da Silva, transportados no confortável Rolls-Royce do milionário, viajaram até Portugal, através da França e da Espanha, chegando a Lisboa em Abril de 1942.

Gulbenkian e a mulher instalaram-se no Hotel Aviz que, na altura, era o melhor de Lisboa — um pequeno hotel de luxo no antigo palacete que pertencera a Silva Graça, o proprietário do jornal "O Século" e que, após o seu falecimento, os seus herdeiros transformaram num hotel de grande classe, com uma reputada cozinha.

Gulbenkian ficou encantado com Lisboa, com a sua luminosidade transparente e a sua tranquilidade um tanto provinciana, e com o próprio Aviz, onde resolveu instalar-se em permanência, alugando logo uma grande parte do hotel. Em Lisboa ninguém praticamente sabia quem era verdadeiramente Gulbenkian, que se tratava de um verdadeiro potentado no mundo do petróleo e um famoso coleccionador de arte de reputação internacional. Esse facto aumentou, certamente, o encanto da

sua nova morada, pois em Paris passava a vida a ser importunado com visitas indesejáveis de pessoas que pretendiam obter dele auxílios financeiros ou propor negócios de toda a ordem. Em Lisboa ele estava tranquilo e ninguém o incomodava.

Até que um dia, em Dezembro do mesmo ano de 1942, foi anunciada a visita oficial a Portugal do ministro dos Negócios Estrangeiros de Espanha, general Jordana. O ministro viria acompanhado de uma numerosa e importante comitiva e o Serviço de Protocolo teve que exercer uma enorme actividade para poder instalar condignamente as diversas personalidades que compunham essa comitiva. Lisboa, na altura, era muito pobre em instalações hoteleiras de categoria. O sub-chefe do Protocolo, João de Mendonça, resolveu quase todos os problemas de instalação, excepto o de uma importante personalidade que ele pensou acomodar no Hotel Aviz. O hotel estava praticamente cheio, uma grande parte ocupada por Gulbenkian e os seus auxiliares. A sua secretária particular ocupava um pequeno apartamento que seria a instalação ideal para a tal personalidade espanhola. Através da gerência do hotel, João de Mendonça pensou convencer Gulbenkian a autorizar que a sua secretária se instalasse provisoriamente, por três ou quatro dias, num quarto simples que o hotel tinha disponível, cedendo o seu apartamento para uso do Protocolo do Estado. Gulbenkian recusou-se terminantemente em aceitar a sugestão alegando que alugara o apartamento por tempo indeterminado.

Ao encontrar-se com o director da Polícia Internacional, capitão Agostinho Lourenço, o sub-chefe do Protocolo deu-lhe conta da dificuldade que encontrava de alojar convenientemente uma das personalidades importantes da comitiva ministerial, referindo-lhe o insucesso da sua diligência junto de Gulbenkian. Lourenço ao ouvir isto disse a Mendonça que deixasse o assunto por sua conta. O que ele fez foi convocar Gulbenkian para se apresentar na sede da Polícia Internacional. Este, é claro, não modificou a sua posição e Lourenço deixou-o ficar detido nas instalações da polícia.

Nessa mesma noite, cuja data exacta não posso precisar, mas que deveria ser nos primeiros dias de Dezembro (o ministro espanhol era esperado a 18), encontrava-me de serviço nocturno na Secção da Cifra do Ministério dos Negócios Estrangeiros, na companhia do meu colega Eduardo Bugalho, quando, por volta das dez horas da noite, o contínuo de serviço apareceu-nos dizendo que tinha chegado ao Ministério o ministro do Egipto dizendo que tinha a maior urgência em falar a um funcionário. Bugalho sugeriu que fosse eu a ir falar com o ministro egípcio a quem fui logo receber para averiguar o que pretendia, com uma visita tão inopinada. Encontrei o diplomata muito nervoso que, logo que viu me disse, com um ar trágico:

- Prenderam o senhor Gulbenkian!

Eu tinha ouvido falar vagamente naquele potentado do petróleo, mas não tinha um conhecimento muito preciso sobre a sua personalidade. Na conversa com o ministro egípcio este disse-me que Gulbenkian era cidadão iraquiano mas que não existia uma representação diplomática do Iraque e ele, como representante de um país vizinho e irmão, e como amigo pessoal de Gulbenkian, vinha solicitar ao Governo Português as medidas necessárias para o libertar, pois não tinha infringido qualquer lei portuguesa, além de se tratar de uma pessoa de grande reputação internacional. Disse-me ainda que ele próprio fora já ministro dos Negócios Estrangeiros do seu país e que conhecia Gulbenkian de longa data podendo responder inteiramente por ele.

Disse ao ministro egípcio que iria transmitir a sua diligência ao Secretário Geral do Ministério mas não sabia se o poderia contactar imediatamente, mas que não deixaria de tentar fazê-lo naquela mesma noite, e o diplomata egípcio lá partiu mais sossegado. Voltando ao gabinete da Cifra telefonei logo para casa do

Secretário-Geral, embaixador Teixeira de Sampayo, tendo sido informado que tinha ido jantar fora. Fui informado onde se encontrava e comuniquéi-lhe pelo telefone o acontecido. Disse-me, sem comentários, que iria tentar contactar o capitão Lourenço.

Nada mais soube sobre o incidente mas creio que Gulbenkian só veio a ser liberto na manhã seguinte. Deve ter certamente pensado que estava num país do outro mundo mas, por outro lado, deve ter ficado maravilhado com o facto de que enquanto vivia no centro da Europa as mais altas autoridades tudo faziam para o cortejar, agora, aqui, neste pequeno país, atreviam-se a retê-lo uma noite numa instalação da polícia! O que não oferece dúvida é que, nem o sub-chefe do Protocolo Mendonça, nem o director da Polícia Lourenço, nem mesmo o embaixador Sampayo, faziam grande ideia da real importância daquele homem que, discretamente e sem alarido, se tinha instalado em Lisboa.

Mais tarde, por volta de 1952, quando me encontrava colocado em Paris, vim um dia a Lisboa para me avistar com o ministro dos Negócios Estrangeiros Paulo Cunha. Ele devia receber-me depois da hora do almoço e fiquei esperando-o na antecâmara do seu gabinete nas Necessidades. Chegou um pouco atrasado, pedindo-me desculpa e explicando que tendo sabido que Gulbenkian estava adoentado, terminado o almoço passou pelo hotel Aviz para o visitar. Nesta altura já toda a gente sabia quem era o ilustre hóspede daquele hotel. Disse-me o ministro que o encontrara muito irritado, mostrando-lhe uma carta assinada pela rainha Isabel de Inglaterra, na qual ela dizia que soubera que ele se encontrava adoentado, desejando-lhe as melhores e terminando dizendo que esperava que "não nos esquecesse".

Nas vésperas da guerra Gulbenkian enviara para Inglaterra alguns dos seus tesouros de arte e agora que ele passara dos oitenta anos havia a expectativa naquele país que ele legasse aquelas obras de arte a alguma instituição britânica. A lembrança numa carta, assinada pela rainha, quando se encontrava doente, provocou naturalmente a sua justa indignação.